DOI: 10.48006/978-65-87289-25-0-14

Remando nas águas de Amsterdam. Fragmentos do meu diário de campo

Cristhian Rodriguez [226]

"a quem mais amas tu, responde homem enigmático:
tua pátria?
ignoro em que latitude está situada.
a beleza?
gostaria de amá-la deusa e imortal.
o ouro?
detesto-o como detestais a Deus.
então a que é que tu amas, excêntrico estrangeiro?
amo as nuvens... as nuvens que passam... longe... lá muito
longe...
as maravilhosas nuvens!"

Começo minha contribuição para este livro com um fragmento do poema do Charles Baudelaire "O Estrangeiro". Minha intenção é ilustrar ao leitor como a posição que o homem enigmático ocupa não é uma posição geográfica apenas, mas é sobretudo uma posição que requer um deslocamento intelectual, interno. O movimento nele não é feito apenas em uma

[226] Doutor em Antropologia Social pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Pesquisador do Núcleo de Antropologia Visual e Estudos da Imagem (NAVI/UFSC). Atualmente é pesquisador visitante na Vrije Universiteit Amsterdam (VU) pelo programa de cooperação Capes/NUFFIC.

longa viagem, se faz no confronto e no questionamento como um mundo novo, por meio de experiências próximas. Ele, o estrangeiro, ignora a latitude em qual se encontra e se coloca em uma posição moral forte, como alguém inconformado à procura de algo lógico. Parece regozijar-se na experiência estética das nuvens, mas algo nele nos transmite uma imagem objetiva, que evoca alguma lembrança. Não sabemos de onde ele vem, nem para onde ele se dirige, mas nos parece um estranho conhecido.

O texto a seguir contém algumas contradições que dizem respeito ao tempo que demorou em ser escrito. Isto é, desde o momento que comecei a escrevê-lo, com fragmentos do meu diário de campo, da minha primeira vinda aos Países Baixos em 2018, e o tempo da minha segunda jornada aqui, oito meses depois da chegada como pesquisador visitante em 2022. Quase quatro anos se passaram entre esses períodos, e uma pandemia acometeu o planeta Terra. Muitas coisas mudaram, e, dentro dessas mudanças, se ampliaram as distâncias entre determinadas coisas que possibilitaram ainda mais a descrição comparativa — cultural e social — entre Florianópolis, meu lugar de origem, e Amsterdam, meu novo lugar.

Por tanto, trago aqui algumas histórias particulares que frequentemente se concentram em situações privadas, mas que expõem minha intenção de fazer uma comparação entre a Antropologia que fazemos no Brasil e a Antropologia que aprendo a fazer todos os dias nos Países Baixos. E essas contradições às quais me refiro no começo reforçam e acrescentam algumas discussões que pretendo desenvolver mais adiante. Compartilho aqui uma parte da minha experiência como pesquisador morando em Amsterdam, estudando as infraestruturas de saneamento da cidade, e trago algumas reflexões que são atravessadas pelos conceitos de "estrangeiro" e "diferenças", que constantemente se fazem presentes nessa vida que comecei a construir na capital neerlandesa, para pensar na provocação que esse livro me faz, uma etnografia além-mar?

Primeiro outono em águas neerlandesas

Cheguei em Amsterdam pela primeira vez em outubro de 2018. O outono já havia começado, e os tons austeros da paleta de cores de Van Gogh já pintavam quase todas as paisagens da cidade. Amarelos, laranjas, verdes-fungo, diferentes tonalidades de marrons e cinzas, até chegar nos escuros sombreados que representam as longas noites do hemisfério norte. Tal como são representados no seu quadro "Paisagens de outono em quatro árvores". Van Gogh tinha uma sensibilidade especial para as cores dessa estação, e sua obra esteve sempre atravessada pela perspectiva do olhar de um estrangeiro. Incomodado, crítico e observador da sociedade *dutch*. Um antropólogo visual, como gosto de imaginá-lo desde minha primeira leitura do livro *As cartas de Theo*.[227]

Esse seria meu primeiro outono em Amsterdam. Eu não estava preparado para o frio que se aproximava. Sentia-me ansioso, com muitas expectativas sobre a vida na Europa e com a intenção, um pouco confusa, sobre a pesquisa junto aos clubes de remo localizados ao longo dos canais da cidade. Muito feliz por ter sido contemplado com a bolsa CAPES/NUFFIC, que me permitiria realizar o estágio de doutorado sanduíche na Vrije Universiteit Amsterdam (VU).

Em Florianópolis, onde realizava meu doutorado em Antropologia Social, na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), estava desenvolvendo uma pesquisa de doutorado sobre as transformações do litoral catarinense a partir da memória imagética do acervo fotográfico do Clube Náutico Riachuelo. Esse acervo havia sido classificado, musealizado e exibido pelos remadores mais velhos do clube durante as comemorações do seu centenário (Cristhian Caje Rodriguez, 2020a). Então, aparentemente, e na minha ingenuidade, haveria um continuum em relação aos sujeitos

[227] As cartas de Van Gogh para seu irmão Théo, escritas entre julho de 1873 e 1890. Mostram um pintor atormentado diante das questões apresentadas pela sociedade e que confronta modelos e costumes (Vicent van Gogh, 2002).

com que os já estava trabalhando e com os que eu encontraria. Talvez pela ideia errada de que havia uma identidade de remador universal, formado na disciplina, no controle do corpo e no mito da modernidade europeia. Isso porque Amsterdam, pelas suas características fluviais e industriais do final do século XIX, havia sido um dos lugares que deu origem ao *rowing* como esporte moderno.

Mas a relação com o programa CAPES/NUFFIC me impunha um desafio como pesquisador em formação — ou como um antropólogo *wannabe*, segundo me descrevia um amigo próximo —. Uma vez em campo, precisei usar a criatividade e a curiosidade para estabelecer paralelos e vínculos entre a pesquisa de Florianópolis e os clubes de remo de Amsterdam. Primeiramente pelo fato de o financiamento da bolsa estar ligado a um projeto[228] guarda-chuva, maior, que tinha por objetivo pesquisar o potencial revelador do que vulgarmente chamamos de lixo, no contexto de sociedades de modernidade tardia (e seletiva, como o Brasil) e pós-industriais (como a Holanda).[229] Por esse motivo, decidi focar minha pesquisa na relação entre os clubes de remo e os atletas, com o sistema de saneamento dos canais onde realizam suas práticas esportivas diárias. Se as linhas onde os atletas remam diariamente ficam nos canais que estão dentro da cidade, como eles se relacionam com os resíduos sólidos descartados nas águas, tão comuns em lugares altamente urbanizados, e o que é feito a respeito? Esses questionamentos iniciais renderam, em 2020, um artigo (Caje Rodríguez, 2020b), Mas, a partir daí, começo a contar quais os desafios e as dificuldades que me trouxeram até aqui novamente, em 2022.

---

228 O projeto de cooperação financiado pela CAPES/NUFFIC e coordenado pelos professores Carmen Rial, da Universidade Federal de Santa Catarina, no Brasil, e Freek Colombijn, da Vrije Universiteit Amsterdam, nos Países Baixos, teve início em 2017 e foi encerrado em 2021, com a saída do NUFFIC do Brasil.

229 Ver o livro: *O poder do lixo: abordagens antropológicas dos resíduos sólidos*. Organização de Carmen Rial. Rio de Janeiro: Associação Brasileira de Antropologia, 2016.

Pesquisar o remo em Amsterdam e em Florianópolis

O começo de toda pesquisa é sabidamente complicado. Mas há complicações específicas quando você decide atravessar um oceano em busca de informações. A barreira da língua é uma delas. Felizmente, nos Países Baixos, a língua inglesa está muito institucionalizada. E digo felizmente porque, se fosse de outra forma, o trabalho de campo teria outras complicações. Isto é, não me refiro ao inglês dentro do ambiente acadêmico universitário, onde toda a comunicação é praticamente nessa língua. Refiro-me ao ambiente fora da universidade, a vida nos bairros, onde o inglês é uma língua comum e muito utilizada. Em Amsterdam especificamente, qualquer pessoa que tem um inglês instrumental básico consegue se comunicar bem. Em outras cidades e no interior do país, a realidade é outra. As pessoas conhecem a língua inglesa e a falam, mas não é a língua do cotidiano.

Os Países Baixos são uma região relativamente pequena dentro da Europa, com um pouco mais de 17 milhões de habitantes, e, além de Suriname, são as únicas nações do mundo que têm o *dutch* como língua nacional.[230] A economia está inserida dentro de um mercado globalizado que hospeda grandes companhias multinacionais. Então o uso comum do inglês como uma segunda língua é uma importante geradora de renda. Além, claro, da cordialidade e da hospitalidade que isso representa para quem não fala o *dutch.*Nesse sentido, considero que os neerlandeses não têm uma relação nacionalista com a língua. Digo nacionalistas como seriam os franceses, os alemães e espanhóis, por exemplo, que muitas vezes impõem sua língua frente a uma língua estrangeira. Mas considero que eles têm uma relação prática com a língua inglesa, pelo fato de Amsterdam ser um lugar internacional, cosmopolita e de ter se inserido de forma muito bem-sucedida no projeto da internacionalização. Cada cidadão que fala inglês corretamente

[230] A língua também tem status oficial em Aruba, Curaçao e São Martinho, que são países constituintes do Reino dos Países Baixos e estão localizados no Caribe.

representa dinheiro para o governo, é um capital humano qualificado. Isso é tido como motivo de orgulho entre eles.

Mas como antropólogo, considero importante para nosso trabalho aprender pelo menos o básico da língua local, especialmente quando você está fazendo uma observação participante. Nós sabemos que a língua estrangeira instrumentalizada não é capaz de expressar sentimentos e paixões íntimas ligadas, muitas vezes, a questões de identidade. Lembro-me de que uma das minhas primeiras preocupações quando cheguei aqui foi a de aprender o *dutch*, e muitas vezes ouvi dos meus interlocutores, e dos meus colegas de departamento: "Porque fazes isso se todo mundo fala inglês?" E isso, de fato, é verdade.

Uma caraterística muito boa dos neerlandeses é que eles têm uma preocupação constante em incluir as pessoas que falam outras línguas em todas as conversas. Por exemplo, me aconteceu várias vezes de entrar em uma sala em que todos falavam *dutch* e, ao perceberem que eu não falava, automaticamente todos mudam a conversação para o inglês. Isso dá a falsa ilusão de que o problema da língua para quem faz trabalho de campo em Amsterdam está resolvido, mas já aviso aos leitores que, em certa medida, sim, mas que também existe uma dinâmica linguística mais complexa da qual você fica excluído ou alienado caso decida ficar apenas dentro da bolha da comunidade internacional. E como diz o ditado, tem muita história aí para pouco espaço. Então não vou me deter nesse ponto aqui.

Outro fator no caso de Amsterdam é aprender a conviver com o frio, que é constante na intempérie. Aliás, uma resposta que costumo dar quando me perguntam sobre o clima é que aqui sempre faz frio. O que varia ao longo do ano é a intensidade do frio, mas o conceito de calor, como o temos no Brasil, é diferente. Aqui existem algumas ondas de calor, mas pessoalmente não considero que há dias quentes, como os conhecemos. Dito isso, em 2018, tudo isso tinha um peso diferente, muito maior do que imaginava, e eu demorei meses para me adaptar a esses novos fatores ambientais. Como diz o ditado, e literalmente falando, "não tinha nem roupa".

Mas tudo isso parece uma tarefa simples para um antropólogo. Supõe-se que estamos preparados para isso. Os conceitos de estranhamento, exótico, diferente, mesmo o conceito de viagem, são fundamentais na nossa formação, estão presentes em todos os clássicos que lemos desde o começo da nossa carreira. Mas, ainda assim, e sempre que tento explicar a meus amigos como estou me sentindo em relação ao clima e ao ambiente em geral, e depois de todo esse tempo, ainda respondo como se estivesse reclamando. Aprendi ouvindo uma amiga antropóloga, vegetariana, que fez pesquisa com os Caingangues em Santa Catarina, que é preciso relaxar nesse sentido do engajamento com o ambiente e saber entender quais são os fatores aos quais não estamos dispostos a nos adaptar de forma rápida e agradável, e quais vamos levar como parte difícil e chata da nossa experiência.

Fazer outra Antropologia

Fazer Antropologia em Amsterdam requer um exercício constante de estranhamento e alteridade entre os pares. Isso me leva a questionar e a comparar constantemente minha formação teórica e prática com a dos colegas neerlandeses. Estou diante de uma Antropologia que julgo muito diferente da Antropologia que fazemos no Brasil. E por quê? Aqui estou me referindo à Antropologia que fazemos dentro das instituições, como funcionários ou empregados por algum sistema de bolsas, como pesquisadores ou professores frente à vida burocrática que a universidade nos impõe. Também me refiro à Antropologia que fazemos quando estamos em trabalho de campo e quando voltamos a nossos lugares institucionais para escrever sobre os dados coletados. Enfim, vou tentar enumerar algumas dessas diferenças para tentar compará-las.

Primeiramente, a posição que a Antropologia, como departamento, ocupa dentro dos prédios universitários merece uma atenção singular, pois ela diz como organizamos espacial e politicamente o conhecimento. Nos Países Baixos, a Antropologia é considerada como parte do grande grupo das

Ciências Sociais Aplicadas. Normalmente é agrupada junto a departamentos como Economia, Psicologia Social, Geografia Humana, Comunicação e, como é no caso do meu departamento, que tem o nome de Antropologia e Desenvolvimento, se localiza próximo a departamentos como Teologia, Educação e Sociologia do Desenvolvimento. No Brasil, o nome Antropologia e Desenvolvimento iria gerar desconforto em algumas pessoas, mas não vou me deter nesse ponto porque me parece complexo e problemático demais para este breve capítulo. É importante esclarecer que a Vrije Universiteit Amsterdam é uma universidade privada de tradição protestante, fundada em 1880 pelo líder neocalvinista Abraham Kuyper.[231] A VU, como todo mundo a conhece, é uma das duas grandes universidades de pesquisa financiadas com fundos públicos na cidade. A tradução literal do nome holandês Vrije Universiteit é "Universidade Livre". "Livre" refere-se à separação da igreja e do estado.

Eu venho de uma tradição em que a Antropologia está agrupada junto ao que no Brasil chamamos de Filosofia e Ciências Humanas. Na UFSC, por exemplo, a pós-graduação em Antropologia fica no prédio do CFH, Centro de Filosofia e Humanidades. E é comum encontrar as salas de aulas próximas aos departamentos de Filosofia, Sociologia, História, Ciências Políticas, Ciências Sociais e, mais recentemente, Museologia, Serviço Social e Psicologia, e que muitas vezes dividem o mesmo andar do prédio. Isso nos dá uma formação interdisciplinar completamente diferente, sobretudo porque, no Brasil, fazer Antropologia, hoje, passa necessariamente por uma formação em paralelo às Ciências Políticas. A história, a filosofia e a sociologia fazem parte da nossa formação antropológica no Brasil, isso é indiscutível. Sobretudo porque nos últimos vinte anos têm se fortalecido as ideias que discutem e separam o empirismo, objetivismo, subjetividade e a

[231] Abraham Kuyper (Maassluis, 29 de outubro de 1837, Haia, 8 de novembro de 1920) foi um político, jornalista, estadista e teólogo holandês. Ele fundou o Partido Anti-Revolucionário e foi primeiro-ministro dos Países Baixos entre 1901 e 1905. Foi um dos expoentes do Neocalvinismo, em especial o Neocalvinismo holandês. Fonte: Wikipédia. Acesso em: 22 de março de 2022.

identidade do sujeito científico que veste seu jaleco branco e o associam a uma posição política de sujeito pesquisador/pesquisado engajado.

Essas posições fazem toda a diferença quando pensamos na convivência entre colegas nos corredores, nos eventos que compartilhamos e frequentamos, no cotidiano em geral em que circula nosso conhecimento. Faz diferença também quando pensamos em mercado de trabalho fora da universidade. O destino dos alunos formados no curso de Antropologia aqui é muito mais amplo, há uma cultura dentro das instituições de contratar graduados nessa área. Empresas privadas e públicas alocam esses profissionais dentro do mercado de trabalho com mais facilidade. Isso se deve em grande medida à diversidade étnica e cultural que existe na cidade. É claro que o mercado de trabalho e a vida profissional em Amsterdam têm características próprias de uma economia capitalista neoliberal e é muito interessante ver como os antropólogos participam e como se inserem nessa dinâmica profissional fora das instituições de ensino. No Brasil o mercado de trabalho é muito limitado e o corporativismo da vida acadêmica acaba elitizando bastante o acesso às posições de trabalho.

Na VU impera um espírito interdisciplinar dentro do departamento de antropologia quando olhamos para o currículo dos professores e colegas. É comum dividir as *desk* com pessoas da geografia, das artes, da educação, da psicologia, da comunicação. Arrisco-me a dizer que a interdisciplinaridade no departamento onde me formei ainda parece uma tese em construção ou algum projeto político arriscado, que coloca em perigo uma ideia de "pureza do conhecimento antropológico". Quando olhamos para a formação dos professores que compõem o departamento, são sempre antropólogos na sua enorme maioria. Claro que também existem os departamentos interdisciplinares, como o PPGICH, onde realizei meu primeiro pós-doutorado. Mas há que se levar em conta que a tradição disciplinar no Brasil é herança de um processo político específico, da formação da etnologia como uma subdisciplina e das escolas dos anos oitenta, que foram forjadas na luta política pelo reconhecimento da Antropologia como ciência e como ferramenta para o diálogo na demarcação de terras indígenas.

Uma diferença interessante também é a forma como se divide e se distribui os diferentes tipos de conhecimento ou metodologia. Enquanto no Brasil temos a figura dos "núcleos" de pesquisa, que podem ser grupos por áreas de concentração de estudos, aqui a divisão se faz a partir de rotas migratórias: Ásia, África, Oriente Médio, América do Sul, etc. – e os antropólogos que fizeram pesquisas nesses lugares se aglomeram em redes de intercâmbio, sendo possível trabalhar temáticas diversas dentro dessas rotas.

Por último, parece-me interessante observar a diferença em relação a como se faz o financiamento para pesquisas. As instituições neerlandesas têm outra realidade e há muito dinheiro para pesquisa. Uma coisa que sempre chamou minha atenção desde que cheguei é o nível da internacionalização das instituições. Enquanto no Brasil estamos acostumados a desenvolver pesquisas em lugares próximos, geralmente dentro do país, e como foi no meu caso, na minha própria cidade, aqui as pessoas viajam muito para realizar o trabalho de campo. Nos Países baisxos, tenho colegas que pesquisaram contextos no Peru, na Sérvia, em Gana, Suriname, Indonésia, etc. A viagem a algum lugar longe, exótico, em um ambiente completamente diferente, é comum – e ainda muito usual, na velha tradição malinowskiana. Enquanto que pesquisas locais, em contextos urbanos brancos, em cidades próximas a Amsterdam, ou em outros países da Europa, são pouco recorrentes. Eu conheci apenas três nesse período. No Brasil, o fomento para pesquisa vem, na sua enorme maioria, por parte de órgãos federais, como a CAPES e o CNPq, ou agências estaduais, como a FAPESC em Santa Catarina. Aqui as empresas privadas têm uma grande e ativa participação em financiamentos para pesquisas de cunho social.

Poderia passar muito tempo enumerando as diferenças com as quais me encontrei nesse remar das águas de Amsterdam, mas sem dúvida a que me interpela constantemente consiste no tipo de antropologia que fazemos no Brasil e o tipo de Antropologia que é feito pelos Europeus depois da crítica decolonial, precisaria de um capítulo só para isso. Para os leitores lembro apenas de uma situação específica que pode ilustrar um pouco esse debate sobre a crítica decolonial. Um dia, em que estava participando de

um evento com professores do meu departamento, em algum hotel situado em algumas das praias da Holanda, uma professora havia proposto uma atividades em grupo para discutir e pensar a decolonialidade na prática de ensino em sala de aula. A maioria dos professores não se animou com a proposta, colocaram o debate como algo da moda, de pouca relevância para o momento e acabaram escolhendo outros assuntos, e assim continuamos com as atividades sem entrar nesse assunto.

O desafio de dar aula em Florianópolis e em Amsterdam

No segundo semestre de 2022 recebi o convite para ocupar a posição de Lecture dentro do departamento, que acabei aceitando com muito carinho. Sabendo que o desafio para meu nível de inglês seria grande, já que ficaria responsável pela disciplina de *Academic Skills*, para os recém chegados na graduação. O curso consiste basicamente em ensinar a ler artigos acadêmicos, identificar qual a definição do problema feita pelo autor, quais argumentos utilizados para chegar a uma conclusão, identificar a conclusão e a partir daí propor uma pergunta crítica sobre o texto. Também aprendemos a escrever dentro dos moldes científicos acadêmicos, como construir parágrafos, elaborar citações e a redigir pequenos ensaios sobre os textos acadêmicos.

A Vrije Universiteit é uma das universidades que mais conseguiu internacionalizar-se dentro dos Países Baixos. O ambiente acadêmico é feito completamente em inglês e os alunos têm a opção de se matricular no curso em holandês ou no curso internacional, em inglês. A grande maioria opta pelo curso internacional. A diversidade dos alunos é muito grande. Na minha turma havia estudantes de vários países, como Tunísia, Etiópia, Croácia, Sérvia, Estados Unidos, Alemanha, Suriname e poucos neerlandeses. Uma turma muito colorida, de diferentes sotaques e com diferentes *backgrounds history*. A diversidade também se estendia às diferentes identidades de gênero e ao uso dos pronomes. Tive estudantes transexuais, não-binários, intersex, lésbicas e gays, tudo isso numa turma de pouco mais de 20 alunos. Com os mais variados usos dos pronomes, alguns optando pelo uso de pronomes neutros.

Foi muito interessante como no primeiro dia, quando fizemos uma apresentação individual utilizando categorias sociais para introduzirmos entre colegas, e a turma toda se empolgou com a dinâmica. Lembro-me de uma aluna trans que se apresentou usando um nome masculino, e que questionei o porquê. Ela respondeu que o nome social dela não aparecia na lista da chamada da turma, pois na universidade ainda não existe uma instância burocrática na qual ela conseguia introduzir seu nome social. Então ela preferiu se apresentar utilizando o nome masculino, já que assim as pessoas poderiam identificá-la na lista de e-mails e demais atividades para formar os grupos de estudos.

Isso me fez pensar o quanto a experiência das cotas no Brasil transformou profundamente as universidades em um lugar mais inclusivo e acolhedor – e não me refiro só às pessoas pretas, mas as diferenças de maneira mais ampla. Um ou uma estudante trans no Brasil não precisaria ter seu nome trocado no cartão de identidade para ser reconhecido ou reconhecida em sala de aula como o nome que escolher ser chamado. O nome social é um direito conquistado que facilita muito a vida e o reconhecimento das pessoas trans e sua cidadania em sala de aula. Esse direito começou com a luta das populações negras, mas se ampliou a todas as demais minorias.

É curioso como um país como a Holanda ainda não tenha burocratizado esse direito e facilitado o acesso ao nome social. Sua história de luta se confunde com a própria história dos movimentos por direitos LGBTs na Europa. Em abril de 2017, homens heterossexuais holandeses andaram de mãos dadas pelas ruas, em protesto contra uma agressão homofóbica sofrida por um casal gay que estava de mãos dadas no interior. Essa realidade, tão diferente da brasileira, retrata um país que hoje é bastante liberal nos costumes e, não por outra razão, foi o primeiro do mundo a garantir leis a favor do casamento entre pessoas do mesmo sexo, com todos os mesmos direitos de casais heterossexuais. Vale lembrar que embora outros países europeus admitissem uniões civis de casais homoafetivos desde 1989, somente a lei holandesa, no ano de 2000, atribuiu plena equivalência de direitos com casais héteros, incluindo o direito à adoção.

Como explicou a aluna para seus colegas, é possível ser reconhecida em sala de aula com seu nome feminino sim, mas para isso precisaria de muito trâmite e o nome deveria constar na sua identidade nacional. Ela estava na fase inicial da transição e por isso não havia ainda começado a fazer a mudança de nome. Mas foi bonito ver como a turma toda se solidarizou e adotamos o nome social dela como forma de fortalecer uma rede de afeto e uma zona de segurança para ela dentro de sala.

Aqui a graduação em antropologia tem uma duração de três anos. O bacharelado pode ser realizado em universidades de pesquisa ou universidades de ciências aplicadas. O ensino na VU tem embasamento teórico, baseado em artigos científicos e uma extensa leitura da literatura sobre um determinado tema, embora também haja oportunidade de colocar a teoria em prática com pesquisas de campo. A curiosidade é uma das qualidades dos alunos, ávidos por aprender, interessados principalmente na teoria antropológica, na redação e no aprofundamento dos conhecimentos adquiridos. Os alunos gostam de trabalhar de forma independente e estão interessados em pesquisa. O aprendizado é baseado na prática. O principal objetivo é desenvolver um conjunto de habilidades para aplicar no futuro ambiente de trabalho. Aqui, os estudos são mais práticos, e você trabalha em projetos diretamente relacionados à área de estudo. Além disso, é comum trabalhar em grupo de estudos. Em suma, você não está apenas ensinando teoria, mas aplicando-a de maneira relevante para o mercado de trabalho.

O continuum remar e a ambição por uma cidade sustentável

Amsterdam é uma metrópole europeia com características muito peculiares. Há uma certa ambição do município para se desenvolver como uma cidade competitiva e sustentável, e isso inclui os fluxos de águas urbanas como fontes de energia e recursos dentro do ambiente urbano. Através de uma transição de uso linear desse recurso e a retroalimentação dos canais a sustentabilidade da cidade é cada vez mais alta e o município trabalha com

o conceito de colheita urbana que representa o desafio de operacionalizar esse conceito na prática.

Duas empresas municipais têm sido foco na minha atual pesquisa: Waternet e AEB, que assumem iniciativas para criar ciclos fechados dentro de suas áreas de trabalho. Waternet é a companhia de água de Amsterdam e arredores, responsável por todas as atividades de água. AEB é a empresa que opera duas usinas de transformação de resíduos em energia. Meu foco está na água, nos fluxos de energia, resíduos, materiais e a integração desses ciclos. Esses fluxos circulares resultam em benefícios econômicos e benefícios de sustentabilidade expressos como Ecopontos ou emissões de CO2. Essas empresas são atores importantes para o desenvolvimento, em direção a um ambiente resiliente e sustentável.

O principal documento de política pública da cidade é chamado de "A Visão Estratégica Amsterdam 2040 Economicamente Forte e Sustentável". Nesse documento, a visão é que Amsterdam irá se desenvolver como uma cidade de economia internacionalmente competitiva e sustentável. A estratégia para concretizar essa visão está resumida em cinco roteiros: (1) ser uma cidade criativa e variada para viver e trabalhar; (2) ter uma rede integrada de transporte público; (3) ter um planejamento urbano de alta qualidade; (4) investir na área verde recreativa e na qualidade da água; (5) investir no uso de energia renovável. No documento se descreve a transição para um sistema de fornecimento de energia sustentável. Esta transição baseia-se em três pilares: economia de energia, uso de energia sustentável e uso eficiente de combustíveis fósseis. As vias de transição são descritas em quatro categorias: (1) edifícios; (2) transporte limpo; (3) porto e indústria; (4) energia sustentável.

A integração entre atores e o fortalecimento de parcerias locais é a grande inspiração do projeto que aproximando pessoas e oferecendo uma plataforma de cooperação local, vem apoiando o desenvolvimento da área metropolitana como uma "cidade inteligente".

Referências

BAUDELAIRE, Charles. Pequenos Poemas em Prosa. São Paulo: Editora Hedra, 2009.

CAJE RODRIGUEZ, Cristhian F. Os vencedores cheios de glória: articulações entre masculinidades e memória na imagem do remo em Florianópolis. Tese (doutorado). Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Florianópolis, 2020.

CAJE RODRIGUEZ, Cristhian F. "El remo, nuestro deporte, requiere agua limpia". Experiencias innovadoras de saneamiento del agua urbana entre clubes de remo de Florianópolis y Amsterdam. Iluminuras, Porto Alegre, v. 21, n. 55, 2020.

VAN GOGH, Vincent. Cartas a Théo. Porto Alegre: L&PM, 2002.